

# A Febre das Almas Sensíveis

ROMANCE FINALISTA DO PRÉMIO **LeYa**

Isabel  
Rio Novo







Isabel Rio Novo

A FEBRE DAS ALMAS SENSÍVEIS



Isabel Rio Novo

A FEBRE DAS ALMAS  
SENSÍVEIS

Romance





Título: *A Febre das Almas Sensíveis*  
© 2017, Isabel Rio Novo e Publicações Dom Quixote  
Edição: Maria do Rosário Pedreira

Este livro foi composto em Rongel,  
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano  
Capa: Rui Garrido  
Imagem da capa: «Separação» de Edvard Munch (1896), © Universal History Archive / Getty Images  
Fotografia da autora: Vera Carmo  
Paginação: Leya, S.A.  
Revisão: Madalena Escourido  
Impressão e acabamento: GUIDE

1.ª edição: fevereiro de 2018  
Depósito legal n.º 436 095/18  
ISBN: 978-972-20-6437-8

Publicações Dom Quixote  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide · Portugal  
[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.  
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

*Para o Paulo, que também sentiu esta febre*





«Os sintomas da doença nada mais são do que uma manifestação disfarçada do poder do amor; e toda a doença é apenas o amor transformado.»

THOMAS MANN, *A MONTANHA MÁGICA*

«On cherche dans des considérations abstraites la définition de la vie; on la trouvera, je crois, dans cet aperçu général: la vie est l'ensemble des fonctions qui résistent à la mort.»

XAVIER BICHAT, *RECHERCHES  
PHYSIOLOGIQUES SUR LA VIE ET LA MORT*

«A vida humana aparece assim como uma cadeia ininterrupta, através do tempo e do espaço, como um conjunto de sensações, de ideias, de atos, cimentados desde o alvorecer da memória psíquica até à morte.»

ALBERTO PIMENTEL, *PSICOFISIOLOGIA*

«Somente a terra sabe em almas transformar  
o seu próprio sentir misterioso.»

TEIXEIRA DE PASCOAES, *VIDA ETÉREA*



## As cores melancólicas do crepúsculo

Eu, que nunca fui poeta, não consigo ignorar o encanto docemente melancólico do crepúsculo, quando a noite desce devagar. Natália avança pela praia, os cabelos em rebuliço, a mão em pala sobre os olhos. Carolina aproxima-se pela outra banda, no seu passo inclinado. Quando as trajetórias de ambas se cruzarem, como dois raios de luz convergentes, as duas mulheres hão de encarar-se sorridentes, segurando os vestidos que o vento quer levantar. Do plano desviado donde as observo, nenhuma rivalidade lhes perturba os modos brandos, e sabe-me bem que assim seja. Agora, uma menina pequena de cabelos escuros brinca sozinha, correndo descalça pela orla da espuma. Às vezes dobra-se, enterra as mãos na areia molhada, espera que a onda venha tocar-lhe os pés.

Depois, já não é a praia nem o mar, é a serra, com os seus socalcos montanhosos, as escarpas verdes semeadas de xisto e de granito. Esvaíram-se as figuras de Natália, de Carolina, da pequena Laura, mas a montanha enche-se de outros vultos. Naqueles três miúdos que brincam junto a um monte de urze, julgo reconhecer-me a mim e aos meus irmãos. Nas duas sombras que declinam mais à esquerda, parece que distingo o perfil curvado do meu pai e o semblante severo da minha mãe. Na figura debruçada sobre os declives pedregosos da encosta, o recorte de um livro na mão, reconheço

Ernest e o seu hábito de venerar a paisagem. Um pouco atrás, entre vestígios de sorrisos, Francisco e Joaquim e o Professor e muitos outros. Como prezo sobretudo estar sozinho, nessas alturas eu próprio me apago nas sombras. Os vultos crescem, adensam-se, depois esvaem-se, confundem-se com a folhagem dos carvalhos e dos pinheiros-bravos e a mancha roxa dos rododendros, já escurecida pelo crepúsculo.

Era a hora habitual. Não se sabia exatamente porque é que a rapariga costumava escolher aquele momento, se para aproveitar a hora de menos calor, se para iludir a vigilância às ruínas, que aliás não existia, se para escapar à curiosidade dos habitantes da vila, de mais a mais raros e distantes. Quando aparecia, era quase sempre assim. O carro que estacionava furtivamente. Ela a rodear os valados de silvas, a subir ligeira as escadas de pedra, a pisar cautelosamente o soalho esburacado, evitando os vidros partidos, as tábuas de madeira despedaçadas, os obstáculos inesperados.

Podia ser que, ao escolher esse momento do dia, a rapariga mostrasse simplesmente apreciar as cores melancólicas do crepúsculo, quando, um a um, os objetos se afundavam na escuridão misteriosa, e os brilhos, as texturas, as arestas, se desmanchavam perante a ausência de luz, numa impressão de imaterialidade. Compreendi rapidamente que não vinha para roubar. Nada sobrava, de resto, entre as ruínas que valesse a pena subtrair. Apenas cacos e entulho. Ainda assim, a rapariga aventurava-se, percebia-se logo que era uma rapariga, apesar das calças largas e da camisola de capuz, pelos contornos do corpo e por uma certa graça nos gestos que nunca a abandonava durante a expedição. Corria o brilho fosco da lanterna pelas paredes riscadas, pelo pavimento atulhado, pelas escadas. Às vezes, a visita compen-

sava. Encontrava papéis no fundo de gavetas atiradas para os cantos, amontoadas em sítios improváveis. Pegava neles, sacudia-os com delicadeza, com medo de que se esboroassem. Examinava-os, as caligrafias cursivas, os timbres desbotados, consumidos pela humidade, pela ação do tempo, pelos roedores. Não esperava, realmente, encontrar grande coisa que tivesse escapado às investidas dos primeiros visitantes e quase sempre se satisfazia com um caco de louça ou um pedaço de vidro, às vezes até (quem diria que a rapariga é uma alma tão sensível) com uma flor silvestre, amarela, recolhida do chão. Aconteceu-lhe, no entanto, achar um ou outro papel de maior interesse, o fragmento do registo clínico de um doente, o envelope por abrir de uma carta recebida por alguém, a metade rasgada de uma fotografia a sépia.

Hoje foi um desses dias. Por isso, antes de sair para o ar fresco da noite que principia, a rapariga verifica se o pequeno maço de papéis que descobriu ao entardecer se conserva bem guardado no bolso interior do casaco; confirma, através do tecido grosso, a espessura do volume, o crepitar baço e crespo das folhas. Ao vê-la encarar o vasto pinheiral circunjacente, mesmo antes de entrar para o carro, percebo que a rapariga teve uma espécie de impressão de como teria sido ali o longo arrastar das noites e dos dias dos internados. Apenas uma impressão, claro, e porventura errónea, mas uma impressão. Já bastaria para a tornar simpática aos meus olhos, mas há mais, há todas as vezes em que já a vi andar por estes lugares. Voltarei a encontrá-la aqui? Pouco importa. Os faróis do carro acendem-se, o motor emite um ruído discreto. Um instante, como se o engenho hesitasse, suspenso entre partir e ficar, e depois pequenas pedras a rolar sobre a estrada empedrada. Já dobrou a esquina, já desceu pela avenida, já é uma luz ao longe. Atrás do carro, atrás da rapariga,

ficou a quietude de tudo e, se descontarmos o barulho dos ralos e o pequeno rumor das folhas que se agitam, o silêncio absoluto.

A quase todos nós, filhos do tempo, a eternidade inspira uma angústia involuntária, e o infinito, um medo misterioso. Talvez por isso gostemos das histórias de assombrações, que escutamos com um misto de arrepio e espanto.

A natureza esquece-se depressa, remoendo continuamente a mesma matéria. O mundo dos homens ainda mais. Cobre, engole os indivíduos, apaga a nossa existência e anula a nossa lembrança. E nós próprios nos vamos encolhendo, esquecendo, desfazendo a memória dos gestos, das vozes, dos olhares. É assim com tudo. As assombrações são o que perdura, intermitentes, teimosas, desgarradas. Não me digam que elas não existem. Não me digam que elas não existem.

Como e quando me tornei tuberculoso? Quando, em que segundo preciso, ignoro-o, naturalmente. Mas como, é a história banal de todos os tuberculosos. O velho doutor Brito, sempre pródigo em metáforas, um dia visitou-me no sanatório e, sacudindo a melena grisalha, brindou-me com a seguinte preleção: «Já viste, certamente, insetos agarrados ao tronco de uma árvore ou à raiz de uma planta, moendo, sugando, devorando. Quando a árvore é sã, quando a planta é vigorosa, esses ataques não lhe fazem mal, e os insetos não se multiplicam. Mas eis que por uma razão ou outra, pobreza do solo, falta de cuidados, uma ferida anterior, a árvore tem menos saúde ou a planta menos seiva. Verás os insetos a pulularem, a penetrarem na carapaça do pobre vegetal. É assim com a tuberculose.» Assenti, como quem compreendeu.

desse a explicação, e ele continuou: «Sem a mão criminosa a manejá-la, uma adaga é tão inofensiva como uma pena. Mas um organismo debilitado pelos desregramentos é uma mão criminosa ao serviço da tísica.» Nunca senti que as palavras do doutor Brito, ou as que ouvi antes ou depois, vindas do meu irmão, dos outros doentes ou dos médicos do sanatório, me tivessem ajudado a aceitar o meu destino, o que não significa que não o tenham justificado.

A meio da tarde, à hora em que o sol brilhava em todo o esplendor e a humanidade fervilhava de atividade, cortando a cidade em passos apressados, eu jazia no meu entorpecimento. Vinte e três anos. A idade da força. A idade das iniciativas. A idade de todos os começos. E eu impotente, consumido pela febre, alagado em suor. Eduardo começou por achar-me nervoso ou deprimido; mais tarde compreendeu. Ao meu lado, Natália, valente, inquebrantável, costurando para fora, cuidando da Laurinha, e a menina a crescer, a fazer-se linda. Depois, a Laurinha morreu. Havia uma dor no meu peito a aumentar continuamente. Num dia, o rubor da febre cobria-me o rosto; no outro, carregava nas faces um manto de palidez. Num dia, sentia-me capaz de enfrentar tudo; no outro, sucumbia à prostração.

As tragédias são sempre individuais. Cada uma é o mundo inteiro a sós. Não o ignoro, e, por isso, a minha história e a história do meu irmão Eduardo são tão interessantes como outras quaisquer.

Antes de começar a minha narrativa, deixem-me só mostrar-vos a rapariga que visitou as ruínas, agora instalada na sua casa da cidade. Já desfeita das calças velhas e do blusão de capuz, está embrulhada num roupão. Vista assim de perto, as rugas fininhas ao canto dos olhos, é mais velha do que parece



quando se aventura pelos escombros dos edifícios; não exatamente bonita, mas também não o oposto. Livros, cadernos, montes de folhas soltas, ocupam todo o comprimento de uma mesa escura. À esquerda, o maço de papéis que resgatou de tarde. Atrás, dois ou três volumes encadernados. Sobre os joelhos, as páginas de um livro fotocopiado, o *ex-libris* de uma biblioteca estampado na folha de rosto, que ela, denunciando o tique metódico dos universitários, também reproduziu. Observando de perto, aproveitando que a rapariga folheia as páginas, lendo uma ou outra frase solta, percebemos que se trata de um ensaio sobre a ideia romântica da tuberculose e os escritores portugueses que foram suas vítimas.

Sobre a mesa, à volta da rapariga e, arriscamos dizê-lo, nos ficheiros recônditos do seu computador, haverá mais histórias de tuberculosos, mais ensaios sobre a tísica, folhetos, retratos, recortes. Interesse mórbido? Motivação académica? Não sabemos o que move realmente a rapariga e quase temos pena de que não faça parte de nenhum dos grupos de excêntricos que devassam as ruínas dos sanatórios na tentativa de capturarem com as suas máquinas de filmar e outras geringonças do género as almas do outro mundo entretidas a flunar. Mas é como é. A rapariga está sozinha. Coleciona histórias de tuberculosos. Por agora é tudo o que sabemos.

Um exemplo. Em maio de 1886, o doutor Sousa Martins, clínico distinto e figura prestigiada da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, informou Silva Pinto de que o poeta Cesário Verde estava irremediavelmente perdido. O jovem crítico literário regressou consternado do encontro, mas decidido, mais do que nunca, a reunir em volume os poemas do amigo. Ciente do avizinhamo da morte, apesar do

pudor com que o outro escamoteou o conteúdo da conversa tida com o médico, Cesário ainda começou a rever o manuscrito dos seus poemas com vista a essa edição. Devagarinho, soletrando alto, ajeitava ligeiríssimas correções que, melhorando sobremaneira o original, indiciavam a profunda sensibilidade do seu talento. «Despertam um desejo absurdo de sofrer...», lia-se, na primeira versão. Pequeno rabisco a lápis: «Despertam-me um desejo absurdo de sofrer...» E o verso raiava a perfeição.

Cesário aprendera, lentamente e desde muito cedo, a morrer tuberculoso. Aprendera-o ao balcão do estabelecimento comercial paterno, observando os marceneiros, de rostos lívidos e respiração ofegante, que vinham à loja de ferragens da Rua dos Fanqueiros abastecer-se de limas e dobradiças cujos embrulhos de papel pardo mal conseguiam carregar. Aprendera-o contemplando, no prédio em frente ao seu, na Rua do Salitre, a pobre vizinha engomadeira, feia e tísica, ignorante de que a combustão das brasas com que enchia o ferro a poderia asfixiar. Aprendera-o vendo definhar a irmã e o irmão, na flor da idade, conservando nos lábios crestados pela febre o mesmo sorriso ingénuo da esperança na cura. Aprendera-o deambulando pelas ruas de Lisboa, constatando os dramas das pobres costureiras pálidas que diziam morrer de amor, mas morriam, afinal, de tuberculose, dos bêbados que maltratavam as mulheres e vomitavam sangue, das mães de crianças de colo que enfeitavam as varandas com vasos de sardinheiras e abafavam a tosse escavada, dos pobres escrofulosos que pediam esmola pelas ruas. Aprendera-o, até, na curta viagem que fizera a Paris, a fim de tratar da exportação dos vinhos da propriedade familiar, vendo passear pelos bulevares senhoras brancas e friorentas, muito embrulhadas em veludos, que vertiam para os lencinhos

de renda os pingos de sangue da expetoração, enquanto os pobres enxotados para a periferia, para que o barão Haussmann pudesse demolir os prédios velhos e rasgar as suas avenidas largas, morriam amontados no chão dos cortiços.

E, assim, sentia germinar dentro de si «suposições de doenças, de futuros quebrados», que se impunham cada vez mais sobre os momentos em que afirmava crer que «esta doença é uma insignificância, sem futuro mau e levemente repugnante».

As suas últimas palavras, duras e secas, apontadas pelo irmão Jorge, foram: «Não quero nada, deixa-me dormir.» Em que pensaria exatamente o poeta nessa manhã sufocante de 19 de julho de 1886? Na maledicência dos críticos, que sempre o leram com crueldade ou o ignoraram com um silêncio desdenhoso? Nos versos alexandrinos «originais e exatos» a que aludira num poema e que deixaria por escrever? No futuro que o incensaria como poeta maior? Ou simplesmente no frio calado do túmulo?

Por essa mesma altura, o médico Sousa Martins calculava que, em Portugal, a tísica era causadora de vinte mil óbitos por ano e indicava a necessidade de fundar sanatórios, realçando a importância da altitude na cura da doença.

Mas estou a começar a história pelo fim. É tempo de ordenar as ideias. Deixemos a rapariga com as histórias dos escritores e os mais papéis que encontrar nos destroços. Ouçam-me contar a minha história e a dos meus irmãos. Convém que recue aos tempos da infância, que me distancie, que busque uma voz diferente da minha. Esperem que todas as vozes se encontrem algures, nalgum momento, de algum modo.

## Primeiras febres

Por volta de 1965, muitos anos transcorridos sobre as tragédias que se tinham abatido sobre a sua família, vendo o filho Xavier a treinar fintas e a rasgar passes no campo de jogos, Eduardo lembrava-se inevitavelmente da rapidez e da habilidade do irmão. Depois, por uma inesperada associação de ideias, sentia-se tentado a moderar a severidade que usara no julgamento dos comportamentos dos pais, especialmente da mãe. Todos eles, pensava então, tinham sido determinados pelas circunstâncias adversas e pelo ambiente hipócrita em que se vivia. Alice talvez também tivesse alguma doença psíquica a desculpá-la.

Diz-se que é assim a meia-idade. Vem um desejo de sanar o que puder ser sanado, de entender o que puder ser entendido. Não raro, por essa altura, reatam-se relações antigas, retomam-se diários e encetam-se projetos de redação de memórias. Também Eduardo viria a fazê-lo, ainda que de modo desconexo, mas isso seria muito mais tarde.

A história da sua infância fora a história de sucessivos afastamentos. Alice, professora primária no tempo em que ainda era permitido às professoras primárias casarem-se, era deslocada quase todos os anos. Manuel, o marido, uma espécie de guarda-livros que não se fixava durante muito tempo no

mesmo emprego, acompanhava-a. Mal os filhos se familiarizavam com a paisagem envolvente, um quintalejo com um muro de trepadeiras, um terreiro de carvalhos coberto de bolotas, um córrego por onde escorriam as águas da chuva e se podia fazer deslizar os barquinhos de casca de noz, logo se viam obrigados a mudar para outro lugar. O Estado não se furtava a oferecer à professora e à família uma habitação na localidade para onde a enviava, mas tratava-se geralmente de um tugúrio degradante, impróprio para abrigar uma família. Já adultos, os três irmãos recordariam chãos de terra batida, lareiras lúgubres encaixadas a um canto, paredes de lousa, quando não ninhos de ratos e pedaços de céu à mostra por entre o teto destelhado. Alice e Manuel examinavam o lugar, espreitavam nas traseiras o pequeno galinheiro, tentavam habituar-se, mas acabavam por arrendar uma casa modestíssima, ainda assim dispendiosa para os seus magros vencimentos, buscando compensar a despesa da renda com as ofertas frequentes que a vizinhança trazia à professora, em géneros alimentícios e cortes de tecido.

O nascimento dos filhos ficaria ligado às localidades onde Alice era colocada. Em 1921, em Figueiró dos Vinhos, nasceu Gilberto. Dois anos depois, em Peniche, nasceu Armando. Três anos depois, em Buarcos, nasceu Eduardo. Para se manterem juntos, os casais eram obrigados a sacrifícios. Não havia muito amor naquela casa, onde a mãe, pouco presente, nervosa, extenuada, tratava os filhos com desapego, e o pai, dividido entre a vontade de experimentar vários sonhos e a frustração de nunca os ver concretizados, oscilava entre a ternura e a severidade.

Gilberto apressava-se a defraudar qualquer esperança que os pais pudessem depositar no seu primogénito. Aos três anos, uma otite grave deixara-o quase surdo de um ouvido.

Fosse resultado da doença ou deformação congénita, o certo é que aos nove, dez anos, o filho mais velho de Alice e Manuel era uma criatura passiva e indolente, fraco nos estudos e ensimesmado. Saía para a rua com os irmãos, mas, enquanto estes se juntavam aos rapazes da vizinhança, deixava-se ficar a um canto, passeando o olhar distraído pelos folgedos dos outros e apanhando do chão coisas em que ninguém reparava: um pedaço de cordel, um botão partido, uma moedinha oxidada.

Em 1935, a família encontrava-se a morar em Vila da Barca, uma vilória debruçada sobre o Mondego, a pouca distância da Figueira da Foz, onde Alice ficou colocada durante uns anos. Da janela da sala, muito perto da estação, os três rapazes viam o comboio serpentear, exalando uma fumaçada negra e espessa, até estacionar, num sufoco esgaldado de silvos e esguichos. Armando comentava o aspeto das pessoas que se apeavam, escarnecendo dos velhos alquebrados que arrastavam os pés pelas lajes e chamando a atenção dos irmãos para as curvas robustas das aldeãs, sempre carregadas com cestos ou trouxas. Eduardo imaginava as vidas dos vultos que seguiam viagem, cujos perfis mal se distinguiam através dos vidros baços da carruagem, inventando profissões extravagantes, planos misteriosos e aventuras sentimentais. Gilberto encarava com o mesmo olhar inexpressivo a paisagem, os viajantes, os canteiros de dalias, sem que se pudesse dizer se alguma dessas coisas requestava realmente a sua atenção. Hoje, talvez lhe chamassem simplesmente autista. Naquela época, era o filho retardado da professora.

Aos nove anos, Eduardo adoeceu gravemente com um tifo. Vila da Barca, como aliás quase todo o País, não conhecia o saneamento básico. A água era içada a baldes de alguns

poços privados ou do grande fontanário da praça, junto do qual os namorados se encontravam às escondidas e que prolongava nas suas reservas inesgotáveis a endemia de febre tifoide. Alguns sobreviviam. Muitos não. O fontanário permanecia, gorgolejando sobre a bacia de pedra a água fresca que trazia vida e morte misturadas. Bem pregava o médico da vila: «Fervam a água, fervam a água!» Até o padre, que tinha mau génio, resmungara em plena homilia um «Porra, fervam a água, criaturas!», alusivo às mortes de mais uns tantos.

Eduardo caiu à cama. «É febre tifoide e da boa», anunciou o doutor Brito, fitando o termómetro, a outra mão pousada na testa do menino. «Tens para uns tempos, meu rapaz.» E saiu do quarto, sacudindo os cabelos fartos e deixando atrás de si um rasto de recomendações. «Dieta rígida. Água e muitos caldos. Não, de galinha, não. Pombo. É mais macio.»

Durante seis meses o rapazinho teve a vida por um fio. Sem cabelo, febril, desnutrido, era um monte de ossos cobertos por músculos frágeis, os olhos semicerrados, afundados nas olheiras escuras. A casa era um pombal de pombos vivos e mortos, que toda a aldeia vinha oferecer para o menino, coitado. As velhas enxugavam as lágrimas aos aventais encardidos e gemiam comiserações. Não era o destino do filho da professora que lamentavam; era o dos familiares que já tinham perdido, dos transes idênticos que tinham percorrido, algumas delas por mais de uma vez. «Estão depenados, minha senhora», diziam, ao depositarem as aves nas mãos de Alice.

Armando perguntava à mãe se Eduardo ia morrer. «Ele não merece. É mal feito.» A mãe acenava uma negativa, sem convicção. E, comovido, o rapaz corria para junto do irmão, a abraçá-lo e a aspergi-lo com as lágrimas. Armando pensava então que daria a vida pelo irmão, e que isso seria bom e natu-

ral. Quanto a Gilberto, considerava apenas como seria reconfortante poder acreditar num Deus bondoso e meigo a quem pudesse pedir a salvação do irmão mais novo. E, como queria realmente acreditar, os dedos, escondidos no bolso dos calções, apertavam a pagelazinha de Nossa Senhora da Esperança, que ele, às ocultas da mãe, iria incluir na sua coleção.

Em todas as casas dos alunos se rezava pela vida do filho da professora. «Oxalá se salve», suspiravam as lavadeiras, enquanto batiam a roupa no tanque de pedra. «Oxalá se salve», repetiam os homens na mercearia, na taberna, no adro da igreja. «Não há de ser com rezas», resmoneava o doutor Brito, que não perdia a oportunidade de alardear a sua falta de fé e a quem agradavam a serenidade e a inteligência precoce do garoto.

O delírio, a febre alta, os meses de cama, as perdas de sangue e a desnutrição provocada pelo abominável regime dos pombos davam ao filho mais novo de Alice o aspeto de um cadáver adiado. Mas, fosse efeito das orações das mulheres da vila ou da dieta, ao sexto mês Eduardo melhorou. «Não sei, não sei», repetia o doutor Brito, abanando a cabeça. «Pode ser. Tenhamos esperança.» Um dia, o pequeno despertou encharcado em suor. As primeiras palavras que pronunciou, a custo, por entre os lábios cobertos de crostas, foram: «Tenho sede.» A mãe suspirou de alívio, e Armando aplaudiu.

O rapaz ainda permaneceu durante algumas semanas numa imobilidade forçada. Para que recebesse mais ar e clareza, transferiram-lhe a cama de ferro para a sala de entrada, onde a luz do sol entrava a rodos. Na cave, as tulhas estavam cheias de azeitonas. O cheiro atravessava as tábuas do soalho, lembrando a Eduardo como eram saborosas, misturadas com a broa quente que a padeira, uma moça corada de seios prodigiosos e braços talhados como troncos de árvore,



entregava todas as manhãs. «É bom», aprovavam todos, «ter apetite é muito bom sinal». À noite, Manuel, risonho, empolgado, sugeriu a Alice que preparasse uma caldeirada de peixe com as azeitonas, «que eram grossas como tomates e pretas como a saudade».

Eduardo passou a receber as visitas de congratulações das mães dos alunos de Alice, que traziam consigo manjares variados. A casa tornou-se horta, mercearia, galinheiro, loja de enchidos, talho, frutaria. Cestos de maçãs rescendentes. Peças de caça. Garrafas de azeite. Frascos de doce. Bolos ainda mornos embrulhados em paninhos bordados. «Pois que adoeça todos os anos», comentava Alice, com um riso casquinado que não se percebia exatamente se seria de gozo, se de ironia mordaz. Deitado, fraco, solitário, Eduardo aprendia a imaginar.

Foi durante esse período que o convalescente recebeu também a visita já inesperada do doutor Brito, com uma prenda inolvidável: o volume *Vida Etérea*, de Teixeira de Pascoas. «Esta é a religião que eu conheço. A beleza dos versos, o sentimento de união entre o homem e a natureza.» O rapazinho leu-o duas ou três vezes de rajada, e foi como se um farol se acendesse dentro dele. Subitamente, a nesga de paisagem que observava através da janela, o resfolegar metálico dos comboios a partir e a chegar, o odor de fumaça e carvão que deixavam no ar, bastavam-lhe, porque imaginava, numa mescla de sensações, o mar de bruma sobre os montes, os orvalhos matinais nos campos de lírios, o rumor cristalino das fontes escondidas, os espíritos a alvejar entre os arvoredos. Quando se achava sozinho, recitava, quase num murmúrio: «Ser humano, tu és um sentimento/ Fantástico do mundo.» O doutor Brito interrogava-o sobre o sentido de uma ou outra passagem e, como a peroração do rapaz

lhe agradasse, sentenciava: «O rapaz vai longe. O rapaz vai longe.»

Alice era ímpia, e nem a súbita recuperação do filho mais novo fez com que deixasse de o ser. Não raras vezes, quando o pároco de Vila da Barca atravessava o caminho diante da escola, surpreendia os diálogos entre o doutor Brito e a professora primária, mesmo à frente das crianças entretidas no recreio. Ajeitando o chapéu com displicência e afetando não dar pela presença do padre, o médico discursava: «A senhora bem sabe que hoje se diz que deus é homem, mas já houve tempos em que a humanidade adorava uma deusa, e outros em que adorava uma catrefada de deuses e deusas.» Alice confirmava, sorridente, de olhar enviesado sobre a pequenada, por quem ia distribuindo bofetes e reprimendas, quase sem sair do lugar. O pároco prosseguia caminho, silencioso e escandalizado. Oriundo de uma família rica e com fortes ligações ao poder, o médico, por muito subversivo que fosse, apresentava-se intocável. A professora primária não. Ainda assim, foi menos por razões de imoralidade do que pela crueldade com que ela lhe pontapeava diariamente a cadeliinha, uma *pinscher* de modos petulantes que todas as manhãs saltava aos tornozelos da professora quando esta se encaminhava para a escola, que o pároco a denunciou ao ministério.

Uns meses depois, Alice foi chamada ao Largo da Anunciada, em Lisboa, para prestar declarações. Ainda amassada pelas horas gastas no comboio, viu-se na presença de um senhor taciturno, de óculos redondos e pupilas duras, que não se ergueu à sua chegada e que, depois de um seco «sente-se, por favor», se quedou durante um tempo interminável a virar as folhas do dossiê. Por fim, a voz pausada e cortante ressoou pelo gabinete. «Fomos informados de que

a senhora dona Alice não vai à igreja aos domingos, não se confessa nem comunga, os seus filhos não foram batizados nem fizeram a primeira comunhão, e o seu marido é um ateu confesso.» O homem calou-se por instantes, fitou Alice, e as mãos cruzaram-se, entrelaçando os dedos e marcando o valor da pausa. «Um comportamento muito indesejável num país católico e um exemplo péssimo para os seus alunos. Que tem a dizer?» Alice não era mulher para se intimidar facilmente. «Saiba Vossa Excelência que foi mal informado. Alguns domingos vou à missa. Sucede que tenho marido e três filhos, e não me sobra muito tempo para assistir todas as semanas à missa, tantos são os meus afazeres.» «Mentira. Nunca lá pôs os pés», continuou o homem, já um pouco exasperado. «Saiba Vossa Excelência que cumpro rigorosamente as exigências do ensino obrigatório da matéria cristã aos meus alunos, como certamente é do conhecimento de Vossa Excelência.» «Não chega, minha senhora», retorquiu o homem, batendo com o punho na mesa. «É preciso que cumpra integralmente todos os deveres de um bom cristão, que implicam assistir regularmente à missa dominical. Por isso, daqui em diante, vai cumprir todas as obrigações de um bom católico, ou seremos obrigados a tomar as medidas que a situação requer.» No lapso de segundos, Alice antecipou as medidas a que o inspetor aludia: viu o impresso da repreenção escrita, seco e violento, carimbado com a sentença; imaginou o lugarejo inquinado e tenebroso para onde a desterrariam, cheio de crianças chagadas e velhos indigentes.

Regressou nessa mesma tarde a Vila da Barca. Os lábios apertados reprimiam palavras como «miseráveis, informadores, infames». Nessa noite, ao jantar, anunciou aos filhos que teriam de a acompanhar à missa de domingo, acrescentando logo: «Hei de engolir sapos, mas a hóstia é que eu não

engulo.» E, no domingo seguinte, quando o padre, com um meio-sorriso encrespado, lhe depositou a hóstia na língua, Alice reteve-a e não tardou a transferi-la para um lenço. Armando e Eduardo, apercebendo-se do gesto, esboçaram um sorriso. Mas Gilberto, perturbado, apertou no bolso a pagela de S. Francisco que lhe tinham entregado à porta da igreja, onde se falava da bondade do santo de Assis para com os animaizinhos e todas as criaturas de Deus.

Creio que a rapariga encontra uma espécie de volúpia em passar os dedos pela superfície áspera do maço de papéis resgatados durante a sua última visita às ruínas, em sentir-lhes o ruído crespo, o cheiro acre, e só isso explicará que demore tanto tempo a transcrever o seu conteúdo, anunciado pelo título: «Considerações sobre a morte, alinhavadas por R. N.» Leu-as, no entanto, rapidamente, com um arrepio a percorrer-lhe a espinha, tropeçando aqui e além numa rasura, numa mancha de bolor, num pequeno rabisco indecifrável, e desde a primeira vez já as releu uma vez e outra, como quem escuta uma voz.

*«Para aqueles que não vivem de consolações religiosas, a morte é o mistério obscuro, a afronta suprema, o fenómeno que não podemos controlar e que por isso só pode ser negado. Ora, a vida e a morte, consideradas de maneira geral, pareceram-me um assunto suscetível de gerar algumas reflexões úteis.*

*Uma definição de vida: a vida é o conjunto das funções que resistem à morte. Tal é o modo de existência dos corpos vivos, que tudo ao seu redor tenta destruir.*

*Vejamos o homem que morre depois de uma longa velhice. Ele morre como que em detalhe. As suas funções extinguem-se uma após*

*outra. Os seus sentidos fecham-se sucessivamente. A vista obscurece-se, até desaparecer numa cortina negra. Os sons ecoam cada vez mais confusos, até sobrevir a surdez completa. O envelope cutâneo, endurecido, enrugado, privado de boa parte dos vasos sanguíneos, é apenas o lugar de um tato obscuro e pouco nítido. Os odores, outrora vívidos e distintos, deixam apenas uma leve impressão. A rigidez dos músculos, dantes soltos e maleáveis como as hastes de uma flor de seiva fresca, torna os movimentos lentos e raros. E não tarda que o velho, privado cada vez mais das funções dos seus órgãos sensitivos, veja extinguirem-se também as funções do cérebro. A memória das coisas presentes destrói-se, sem o apoio vivo dos sentidos a confirmá-la, e fica como que uma névoa, uma bruma incerta e melancólica. E note-se que isto sucede com o homem que morre velho, sem acidentes, sem violências.»*

Agora a rapariga parece realmente uma rapariga, melhor dizendo, parece alguém sem idade. Os olhos excitam-se, os lábios rasgam-se num sorriso de entusiasmo. Quem teria vivido ali, no edifício do sanatório que agora é ruínas, capaz de escrever estas palavras? A curiosidade cresce, mas não estraga a maravilha da descoberta. Há momentos assim, simples e luminosos. Com o passar do tempo, as experiências da vida, as desilusões que vamos sofrendo, aprendemos a reconhecê-los e a valorizá-los.

Aos treze anos, Armando começava a especializar-se em atentar contra a pureza das moças, mas continuava travesso como uma criança. Escapava à escola para jogar futebol no adro da igreja convertido em campo improvisado. Continuava a roubar peras no quintal da vizinha. Pegava fogo à cauda dos gatos. Apedrejava os cães que lhe ladravam dos quintais. Era como se um ímpeto de desafio o tentasse continuamente, colocando-o à mercê dos castigos severos de

Alice, que o mandava para o quarto sem jantar, da sua própria culpa, porque costumava arrepender-se das maldades, remoendo o remorso em lágrimas choradas sobre a almofada, e sobretudo da fúria de Manuel, que o esbofeteava com violência. O pai, aliás, permanecia um enigma de sentimentos. Ora se revelava sensível, quase piegas, ora se desentranhava em atos brutais que deixavam os filhos perplexos e, no instante seguinte, revoltados. Não raras vezes, Eduardo via-se no papel de intermediário entre o pai e o irmão que adorava, sempre que o primeiro descarregava à vergastada os acessos de cólera que as diabruras do segundo lhe provocavam.

Naquela manhã, bem cedo, Armando saiu de casa com todos os tostões que pôde amealhar e foi acordar o vendedor de foguetes. Era dia santo em Vila da Barca, que celebrava a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, e ao vendedor estremunhado o rapaz explicou que queria bater aos pontos o foguetório oficial. O leiteiro, que fazia as entregas de bicicleta, estacou quando avistou o filho do meio de Alice a descer a rua com um molho de foguetes debaixo do braço e um morrão já aceso entre os dedos. Pressentindo a desgraça, deixou cair a bicicleta e com ela a bilha e os púcaros de medida, que resvalaram num tilintar atrapalhado. No segundo em que o leite vertido iniciava a viagem para a valeta, ouviu-se um estrondo. A mecha tinha-se propagado às outras canas, que deflagraram todas nas mãos do rapaz. Ainda o leiteiro acorria e já Armando, erguendo-se subitamente do chão, as mãos ensanguentadas e o corpo coberto de negro, descia, desarvorado, a ladeira íngreme que conduzia à linha férrea e daí aos mouchões do rio, para onde se lançou como uma seta.

Rapidamente se juntou na margem uma pequena multidão de curiosos. Alguém preveniu Manuel, que entrou nas

águas e retirou o filho, carregando-o ao colo. Chegados à margem, acocorou-se no chão, amparando a cabeça de Armando. Eduardo, que correra atrás do pai, sentou-se também, agarrado às pernas de ambos. «Meu estouvado, meu grande estouvado...» Como se os cuidados extremos que aquele filho sempre lhe causava extravasassem num medo de perda, Manuel desfazia-se em soluços, soprava o rosto tisonado do pequeno, passava-lhe as mãos pelos cabelos chamuscados.

Nossa Senhora, nesse dia, já não teve foguetes, para desespero do presidente da Junta, que se viu obrigado a pagar ao fogueteiro a encomenda feita. Depois de três meses de pensos e cataplasmas, Armando sobreviveu ao incidente com cicatrizes muito leves, que podiam ser confundidas com marcas brandas de bexigas, uma cabeleira nova, que crescera se possível ainda mais densa e mais bonita do que a anterior, e uma popularidade acrescida entre as moças, junto de quem a bravura tonta do rapaz só lhe aumentava o encanto.

Passado o susto, Manuel ainda pensou em castigar o filho. «Uma resma de chibatadas pelas costas abaixo era o que ele merecia, já que gosta de coisas a arder», atizava Alice, enquanto Eduardo, como sempre, intercedia a favor do irmão rebelde. Dessa vez nem seria preciso. O pai adorava aquele filho sensual, em cujos anseios de liberdade e fruição da vida reconhecia a febre da sua própria juventude.

No século dezanove, a tuberculose mostrara uma predileção particular pelos bairros industriais populosos e malsãos que cresciam nos centros urbanos. No entanto, a literatura da primeira metade do século afastara-se silenciosamente do padecimento que se abatia sobre os doentes pobres que se aglomeravam nas ilhas, se desentranhavam a trabalhar nas

fábricas e encontravam a morte nos becos das grandes cidades ou nas enfermarias coletivas. Ao invés, os intelectuais romantizaram a doença, que acreditavam ser a expressão poética de uma personalidade sensível e angustiada. Uma doença dos pulmões era uma doença da alma. Um doente isolado pela consumpção, um melancólico desencantado com a vida em sociedade. Os sintomas mórbidos, a febre, a fraqueza, as hemoptises, o delírio, a morte, apenas a tradução violenta de um caráter ensimesmado. A tísica era assumida como a comprovação cabal da genialidade que dirigia a existência individual e inspirava as composições românticas, tal como outrora exaltara os arroubos espirituais nos indivíduos de temperamento místico. A febre dos corpos confundia-se com o fogo das paixões e a exacerbação dos desejos, suscitando lágrimas compadecidas e solidárias.

Assim, quando António Coelho Lousada morreu tísico, todos pensaram no seu grande desgosto de amor, e ninguém se lembrou, por exemplo, dos porões insalubres e apinhados dos navios de carga que o transportaram ao Brasil. António nascera no Porto, no outono de 1828, um outono invulgarmente frio até para a velha cidade húmida e granítica. O acaso fê-lo contemporâneo de Arnaldo Gama, que viria a ser um dos seus primeiros biógrafos, do poeta fúnebre Soares de Passos, que lhe dedicou poesias, de Camilo Castelo Branco e de muitos outros rapazes obscuros que viriam a representar a chamada geração ultrarromântica. Rosto fino, olhos claros, expressão afável, António preparara-se para prosseguir estudos universitários em Coimbra, mas a pobreza obrigou-o a partir para o Brasil, a fim de se empregar como caixeiro numa casa comercial. Não conseguiu adaptar-se à profissão que lhe fora destinada, nem ao novo continente. Desgostou do calor, da persistência obstinada da estação



vernal. Desgostou da exuberância aparatosa da vegetação, das árvores que, quando não trepavam umas pelas outras, cresciam descomunadamente, das folhagens húmidas entrelaçadas numa confusão inextricável. Desgostou até, mau grado seu, dos rostos exibindo a extraordinária mistura de sangues, indígenas, negros, asiáticos, europeus do norte, europeus do sul. Tudo era colossal e magnífico, tudo parecia pertencer a um mundo primitivo, voraz, túrgido, que lhe exauria as energias só de o encarar. Regressou a Portugal poucos anos depois, tão pobre como partira e já muito doente. Era, afinal, um dos muitos que do Brasil conheciam apenas as misérias, e nunca os enriquecimentos repentinos, e que raramente haveriam de inspirar os romancistas narradores das aventuras dos brasileiros de torna-viagem. Começou, apesar disso ou por isso, a destacar-se na vida cultural portuense. Frequentava a sociedade de poetas macilentos, mais ou menos tísicos, apaixonados por meninas burguesas de sobranceiras espessas e pele translúcida, também mais ou menos tísicas, que se reunia ora no Guichard, ora no Águia d'Ouro, para rabiscar composições poéticas como as que ele próprio editaria nas páginas da *Lira da Mocidade*, da *Esmeralda*, da *Miscelânea Poética* ou do *Bardo*.

Na primavera de 1850, ficou noivo de uma rapariga bonita e moreninha, dona de uns lindos olhos negros e rasgados. Chamava-se Maria Emília Braga e era irmã dos poetas Alexandre e Guilherme. Passeando com ela pelo jardim de São Lázaro, António espantava-se com a extraordinária formosura da sua prometida. Os lábios não podiam ser mais vermelhos, os olhos mais brilhantes; mas as faces rosadas avivavam-se sempre à tarde, por vezes demasiado. Em 1852, Maria Emília morreu, vítima de tuberculose. O escritor sofreu um desgosto profundo, quase aniquilante, e só resistiu à dor

para poder entoar hinos de saudade à memória daquela que «levava consigo a mocidade do poeta, nunca mais re florida», como escreveu Camilo, que foi seu amigo e admirador da sua noiva. A partir desse desenlace, dedicou-se febrilmente à atividade literária, fazendo-se jornalista, poeta, romancista, tradutor. Dedicou-se também ao teatro. Traduziu peças espanholas e francesas; por um curto período, dirigiu o Teatro das Variedades. Trabalhava muito, escrevia ainda mais. *A Rua Escura, Na Consciência, Prólogo de Um Romance Que ainda não Acabou...* Os amigos e os conhecidos quase se iludiam com tanto vigor, com tanta energia sublevada. Mas António tossia cada vez mais, e por vezes tossia com sangue. Numa tarde abafada de julho, encontraram-no caído sobre a secretária de carvalho, um fio de sangue a escorrer-lhe da boca sobre as páginas do manuscrito de *Os Tripeiros*, o último romance que deixou acabado.

Anoiteceu. A rapariga terminou por hoje. Sente-se cansada, um pouco febril, fecha os livros com determinação. Apetecer-lhe-á agora instalar-se no conforto do seu século. Aquecimento. Mantas estendidas sobre o sofá. Uma tisana quente que a chaleira preparou em segundos. Um filme na televisão que interromperá sempre que queira. Espirra um pouco. Constipou-se. Mesmo que fosse algo mais grave, os antibióticos estariam à distância de uma prescrição.

Em finais de 1937, a família de Alice encaixotou os pertences, entrouxou as roupas e instalou-se na Figueira da Foz. Manuel conseguira recentemente uma situação numa fábrica de resinas a cinco quilómetros do centro da cidade e, por uma vez, fora ele a determinar a mudança. Alice, colocada em Verride, seguia de comboio até Alfarelos e depois ven-

cia a pé uma ladeira íngreme. No verão, com o calor, a poalha saltitava na aridez do caminho, ferindo-lhe os olhos. No inverno, a chuva transformava o carreiro num córrego enlameado. Alice avançava sempre, reprimindo o choro que lhe vinha do esforço físico e de uma espécie de raiva crescente. Parecia-lhe que arrastava consigo o peso do marido, que não sustentava a família, dos filhos, ainda incapazes de provirem ao seu próprio sustento, da vida dura, difícil, injusta.

Sem que Eduardo e os irmãos o percebessem claramente, a família começava a desagregar-se, com os pais muito ausentes e muito separados. Foram, mesmo assim, tempos felizes para os rapazes, sobretudo no verão, quando toda a gente acorria à praia da Figueira, alugando toldos e barracas. Os banheiros, impressionantes na sua capa de oleado amarelo, davam banho às crianças pequenas e ensinavam as mais crescidas a nadar, suspensas de uma corda presa no paredão. As senhoras parolavam à sombra. Os refugiados dos regimes fascistas, muito esbeltos e atléticos, introduziam os desportos náuticos e jogavam no casino; as estrangeiras atentavam contra o cinzentismo dos costumes, exibindo as formas voluptuosas em fatos de banho cavados e alegrando as esplanadas com os cabelos claros, os risos abertos e a maneira desassombrada de se sentarem de pernas cruzadas. Eram, na maioria, judeus, polacos, russos, alemães, com dinheiro e influência suficientes para preverem as perseguições, os guetos e os campos de morte que não tardariam, e que, a meio caminho da sua viagem para o Novo Mundo, paravam um pouco para se deliciarem com o céu azul, as ondas revoltas e o areal extenso. As peixeiras, de tornozelos grossos enterrados na areia, vendiam percebes e mexilhões, que os veraneantes sorviam como aperitivo e deixavam na boca um sabor a maresia. Os barquilhaes percorriam o areal vezes sem conta, desviando-

-se habilidosamente da chusma de pequenada, distribuindo gasosas, línguas da sogra e bolas-de-berlim.

As senhoras portuguesas, a quem a água do mar entusiasmava pouco mas a escolha das *toilettes* de praia preocupava muito, antecediam as férias de conversas intermináveis com as amigas e as modistas, sustentadas em consultas repetidas às revistas de moda. As modistas recomendavam: «Este é melhor para si, tem um peito bonito.» Na praia, os homens diriam: «Que belas mamas esta traz!» «Este valoriza as suas nádegas.» «Que belo cu, já viste?» «Este parece curto demais, não acha?» «Olha-me para este rico par de pernas...»

O mar azul cerúleo da Figueira, batendo contra as rochas em arrulhos mansos e regulares, chamava continuamente pelos rapazes, que gostavam de furar as ondas até à calmaria, onde uma prancha de madeira, bolinando, oferecia repouso. Um dia, estendidos ao sol, na modorra dos corpos salgados, esforçados pelo exercício, Armando e Eduardo deixaram-se adormecer. Quando acordaram, o espetáculo das ondas que separavam a prancha onde se encontravam da praia lá ao fundo era aterrador. Armando ergueu-se, procurando avistar algum barco de passagem. Não se via nenhum. Atiraram-se ambos, porque não havia outra saída, e esbracejaram para chegar ao areal. Extenuado, com o estômago cheio de água salgada, Eduardo perdeu a consciência no instante em que pousou o pé na areia. Armando assistiu, aflito, às manobras rotinadas do banheiro, que reanimou o rapaz com uns tabe-fes rápidos, retribuídos com umas valentes cuspidelas de água, mas, logo que o irmão se recompôs, levantou-se como se nada fosse e no dia seguinte voltou a desafiar a maré. Eduardo perdeu para sempre a vontade de furar ondas.

Era habitual a época banear chegar ao fim com uma tempestade formidável, quase sempre acompanhada de

uma tragédia. A Figueira não tinha então porto de abrigo, e regressar do mar para transpor a barra era uma aventura arriscada. Impelidos por rajadas violentas e vagas alterosas, os pequenos barcos dos pescadores eram erguidos, sopesados, volteados, inundados, afogados ali mesmo, a poucos metros da praia enxuta, perante a impotência dos veraneantes e o desespero das famílias. Enquanto os pescadores, sacudidos dos barcos, lutavam contra as ondas e desapareciam sob as águas turvas, as mulheres gritavam e arrepelavam os cabelos. Os vestidos negros espalhados pelo areal, os braços pelo ar, as lágrimas, as imprecações, as orações murmuradas borbotando dos lábios ansiosos, a alegria cruel dos familiares dos poucos pescadores que se salvavam, compunham um quadro trágico que impressionava de forma diferente os três irmãos. Gilberto considerava a necessidade de aplacar a ira divina, rezando muito. Armando pensava no que faria se estivesse no lugar dos pescadores, inventando planos de salvamento tão absurdos quanto corajosos. Eduardo repudiava definitivamente a ideia de um Deus que deixasse os homens assim sós, diante da sua indiferença e crueldade gratuitas.